

EUGENIO COSERIU: ASPECTOS DE UMA LINGUÍSTICA DO SENTIDO

Helio de Sant'Anna dos Santos*
Terezinha Maria da Fonseca Passos Bittencourt**

Resumo: Este artigo versa sobre a breve análise das concepções coserianas, relacionadas com a tríplice dimensão, as relações semióticas, as reflexões sobre a linguística do texto e a linguística do falar universal, além dos estudos sobre a determinação e os entornos, especialmente a teoria dos universos de discurso.

Palavras-chave: Coseriu; tríplice dimensão, universos de discurso.

BREVE APRESENTAÇÃO DA TEORIA DE EUGENIO COSERIU

■ **E**m artigo que destaca a contribuição do “ideário linguístico de Eugenio Coseriu” para um redirecionamento do ensino de língua materna, questionando o ensino redutor, frequentemente limitado às lições de saber idiomático, muitas vezes equivocadamente direcionado a uma língua de prestígio, quando não se atém puramente à nomenclatura gramatical, Uchôa (2000) refere-se aos três níveis de conhecimento, manifestados sempre em cada ato de fala: saber elocucional, idiomático e expressivo.

Bittencourt (2008) ressalta a importância da tríplice dimensão do fenômeno da linguagem no sentido de oferecer ao professor condições de detectar com clareza os níveis em que as deficiências dos alunos precisam ser examinadas e elabora um quadro em que relaciona os níveis e saberes com os conteúdos e os juízos correspondentes, esclarecendo as formas pelas quais a linguagem se apresenta:

* Doutorando na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor-substituto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP-UERJ).

** Doutora pela Universidade de São Paulo (USP). Professora titular da UFF.

no nível universal, como linguagem; no histórico, como língua; no individual, como fala. A cada uma das dimensões, corresponde um conteúdo específico: designação, significado e sentido, respectivamente. Bittencourt (2008) acrescenta:

É de tal modo evidente a existência desses planos, quer na consciência do falante quer na consciência do lingüista, que até os juízos concernentes ao ato de fala também são distintos, dependendo da dimensão considerada: congruente ou incongruente, no plano universal, correto ou incorreto, no plano histórico e adequado ou inadequado, no plano individual.

Quando tratamos dos textos puramente informativos, os conteúdos em questão tendem a coincidir: designação, significado e sentido. Coseriu (1993) afirma que todos os textos têm sentido, ainda que os literários se apresentem como construção de sentido. Se estamos diante de textos literários, verificamos que a relação entre os conteúdos é diferente, já que, no processamento textual de tais textos, ocorrem basicamente dois momentos: uma primeira relação semiótica em que o leitor identifica a designação e o significado, e uma segunda relação semiótica em que se reconhece o sentido. É como se, após a leitura do texto, o leitor ainda se perguntasse: “E o que isto – designação e significado – significa?”. Coseriu (1980, p. 99-100) esclarece:

Com efeito, o plano do sentido é, por assim dizer, duplamente semiótico, porque nele um significante e um significado de língua constituem uma primeira série de relações, seguida de outra série, em que o significado de língua passa, por sua vez, a ser “significante” para o conteúdo do texto ou “sentido”. Os significados lingüísticos (e o que eles designam) constituem a parte material do texto ou da obra literária, sendo a parte material o “significante” de um outro signo cujo “significado” é o sentido do texto. Por conseguinte, tudo o que de uma obra se entende imediatamente, através dos signos lingüísticos, do ponto de vista do texto, não passa da percepção de um significante [...].

Segundo o que podemos depreender de Coseriu (2007), especialmente no texto literário, o acontecimento corresponde ao que ele chama de *símbolo para*, ou seja, há necessidade de elucidar o sentido. O sentido não coincide com o que é narrado exatamente. Em outras palavras, refere-se ao sentido como “expressão de uma unidade de conteúdo de tipo superior”, numa alusão a níveis semióticos diferentes.

Com a finalidade de exemplificar tal concepção, comenta como se dá o entendimento de parte do livro *A metamorfose*, de Kafka. Descreve que o estado de coisas apresentado pelo autor carece de interpretação. O leitor se pergunta por que há a transformação do personagem em um inseto, embora haja clareza quanto ao que ocorre. Os conteúdos conhecidos por quem lê apenas correspondem a uma espécie de significante do significado “em um nível distinto: o sentido”. Coseriu (2007) afirma que é possível que se reconheça, que se memorize com exatidão *A metamorfose* sem que se identifique o sentido de fato.

Como já se disse, todos os textos têm algum sentido e, em se tratando de textos científicos ou objetivos, informativos, de maneira geral, designação, significado e sentido podem coincidir. Há realmente situações em que o que se quer dizer é exatamente aquilo que se falou ou escreveu, o que se comprova quando perguntamos a alguém: “Que quer dizer com isso?”, e a resposta aponta que não existe nada a entender a não ser o que se falou, literalmente.

É em função do fato de existir “uma classe de conteúdos que é propriamente conteúdo *de* textos, ou conteúdo dado *através de* textos” (COSERIU, 2007, p. 156, grifos do autor) que se justifica a autonomia do nível textual e, portanto, uma linguística do texto, entendida como linguística do sentido, com a incumbência de investigar “estruturas especificamente textuais e determinadas pelo sentido, não estruturas idiomáticas, determinadas pelo significado”, conforme o autor argumenta em nota.

Tais estudos reforçam a tese coseriana de que os signos por si não possuem sentido, eles permitem a construção do sentido no texto, e, em cada texto, certos conteúdos serão atualizados de acordo com os aspectos linguísticos e extralinguísticos envolvidos naquele determinado produto do ato de fala. Não se desprende o sentido em momento anterior à materialidade do texto, ainda que elementos considerados pré-textuais possam ser significativos para a construção do sentido, como o fato de o leitor estar diante de um livro de humor ou um romance ou uma poesia e, a partir das informações, antecipar hipóteses a serem ou não comprovadas durante a leitura.

Paralelamente à defesa de uma linguística do sentido, faz-se imprescindível, mesmo que não nos aprofundemos na questão em si, reiterarmos que Coseriu (1979, p. 213), ao justificar a necessidade de uma linguística do falar em nível universal, argumenta que “não há que explicar o falar do ponto de vista da língua, e sim vice-versa”, invertendo o conhecido postulado de Saussure (1977):

[...] é necessário colocar-se primeiramente no terreno do falar e tomá-lo como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (inclusive da “língua”). E, em vez de considerar, como Pagliaro, a parole como “o momento subjetivo da língua”, seria mais conveniente considerar a língua como “o momento historicamente objetivo do falar”. De nosso ponto de vista, o estudo da língua é estudo dum aspecto do falar, que não é abstrato nem exterior ao próprio falar e que, naturalmente, é fundamental, pois o falar é sempre histórico: é sempre “falar uma língua” (COSERIU, 1979, p. 123, grifo do autor).

Ainda com o propósito de apresentar a linguística do falar em nível universal como necessária, Coseriu (1979) relaciona-a com a própria aceitação da tríplice dimensão: se há a linguística das línguas, ou seja, a linguística do falar no nível histórico, e uma linguística do texto – uma linguística do falar no nível particular –, deveria existir também uma linguística que desse conta do falar em geral, uma linguística do falar no nível universal. Coseriu (1979, p. 214, grifo do autor) reitera:

[...] em nossa opinião, a lingüística do falar em sentido estrito seria uma lingüística descritiva, uma verdadeira gramática do falar. E, precisamente, uma gramática indispensável tanto para a interpretação sincrônica e diacrônica da “língua” quanto para a análise dos textos. De fato, do ponto de vista sincrônico, a língua não oferece apenas os instrumentos da enunciação e de seus esquemas, mas também instrumentos para a transformação do saber em atividade; e, do ponto de vista diacrônico, tudo o que ocorre na língua só ocorre pelo falar. Por outro lado, a análise dos textos não pode ser feita com exatidão sem o conhecimento da técnica da atividade lingüística, pois a superação da língua que ocorre em todo o discurso se pode ser explicada pelas possibilidades universais do falar.

A chamada “gramática do falar” teria como objeto a técnica geral da atividade linguística, envolvendo aspectos verbais e não verbais, dos quais fazem parte o conjunto de operações denominado determinação e instrumentos circunstanciais reconhecidos como entornos. Coseriu (1979, p. 227) acrescenta:

As operações que constituem a determinação asseguram, pois, uma das possibilidades fundamentais do falar: a de referir-se sem equívoco ao atual e particular com signos que, por si mesmos, no “acervo idiomático”, são virtuais, em sua maioria universais, e amiúde equívocos. Em outros termos, a determinação assegura simplesmente o emprego da língua: a integração lingüística entre um conhecer atual e um saber anterior.

De acordo com o ideário coseriano, enquanto as operações do âmbito da determinação, partindo da compreensão de linguagem como atividade, são realizadas “para dizer algo acerca de algo com os signos da língua”, ou seja, para “atualização” e direcionamento para a realidade concreta de um signo “virtual” (pertencente à “língua”), ou para delimitação, precisão e orientação da referência de um signo (virtual ou atual), os entornos garantem que “o falado signifique e se entenda além do que foi dito e até além da língua”:

Os entornos intervêm necessariamente em todo falar, pois não há discurso que não ocorra numa circunstância, que não tenha um “fundo”. Como já se viu, os entornos participam de maneira quase constante na determinação dos signos e amiúde substituem os determinadores verbais. Mas sua funcionalidade é muito mais ampla que isto: os entornos orientam todo discurso e lhe dão sentido, e até podem determinar o nível de verdade dos enunciados (COSERIU, 1979, p. 228).

Coseriu questiona o fato de a importância dos entornos não ter recebido ainda a atenção merecida. Defende a existência mais ampla de entornos que o que se vem distinguindo até então, agrupando-os em quatro tipos: situação, região, contexto e universo de discurso, dentre os quais, por conta da necessidade de definir um recorte, abordaremos o universo de discurso.

PRINCÍPIOS GERAIS DO PENSAMENTO E UNIVERSOS DE DISCURSO

Coseriu (1992, p. 113) apresenta os princípios gerais do pensamento como inerentes a uma competência linguística geral, que transcende as línguas particulares, e refere-se a um falar em geral, um saber linguístico pressuposto por todas as línguas e que pode ser anulado intencionalmente nos textos. Coseriu (1992, p. 113) assim define tal saber:

1. *É um saber que nos permite aceitar algo como coerente ou recusá-lo como incoerente.*
2. *É um saber que nos permite interpretar o dito.*
3. *É um saber que se pressupõe também no caso de uma interpretação com sentido de absurdo, quando este de fato se disse intencionalmente.*

Ele afirma que, quando, à primeira vista, a expressão não é coerente, busca-se a coerência, postulando o que chama de princípio da confiança; apenas num segundo momento, a partir da situação em que não se configurou realmente a interpretação do sentido, é que se retira a confiança.

Carvalho (1967), ao analisar aspectos da interpretação do ato de fala, ressalta o caráter “nunca puramente linguístico” do ato comunicativo, reiterando o papel do que se conhece sobre o locutor, sobre atos comunicativos anteriores e sobre a realidade extralinguística, entre outros elementos da realidade circundante, para a interpretação. Carvalho (1967, p. 362) chama esses elementos de *contextos*¹ ou *correlatos situacionais*, distingue-os em cinco – a *situação*, o *contexto idiomático*, o *contexto verbal*, o *contexto extraverbal* e o *universo de discurso* – e atribui valor de natureza linguística ao contexto idiomático e ao contexto verbal. Coseriu (1979), como vimos, ao considerar o fato de o falar ser mais amplo que a língua e, portanto, utilizar circunstâncias próprias – “enquanto a língua é circunstancial” – e atividades não verbais complementares, insere na “técnica geral do falar” o que chama de determinação – em se tratando de assegurar simplesmente o emprego da língua – e entornos, a respeito dos quais se propõe a tratar do aspecto nominal do problema da determinação e da ampliação do registro de entornos, esclarecendo alguns e evitando equívocos comuns. Os cinco elementos enumerados por Carvalho (1967) correspondem ao que Coseriu designa como “uma série ampla de entornos”, agrupados por ele em quatro tipos: situação, região, contexto e universo de discurso.

Por mais que saibamos que outros aspectos associados à determinação e aos entornos sejam de extrema importância para a interpretação de qualquer texto, destacaremos circunstâncias relacionadas com o universo de discurso.

Coseriu (2007), com o intuito de respaldar a autonomia do texto, refere-se aos universos de discurso como um de seus argumentos, alegando que as diferenças entre eles interferem diretamente não na língua, mas nos textos. É importante enfatizar que Coseriu (1979, p. 234) compreende o universo de discurso como “o sistema universal de significações a que pertence o discurso (ou um enunciado) e que determina sua validade e seu sentido”. Coseriu (2007, p. 136), em nota, menciona tal conceito, elaborado por ele a partir do ponto de vista da teoria linguística no artigo publicado em espanhol, em 1957, no periódico alemão *Romanistisches Jahrbuch*², em “Determinação e entorno: dois problemas duma linguística do falar”, fora introduzido na lógica por George Boole (1854, cap. III, § 4 ss.) para dar conta das condições de verdade dos discursos que operam com asserções, mas que não pertencem ao campo da ciência (em particular, dos discursos relativos a mundos imaginários), e adotado na filosofia da linguagem, por exemplo, pelo filósofo americano (fenomenólogo) Wilbur Marshall Urban (1939, p. 160-162).

A definição de universo de discurso está associada especificamente a sistema de significações, conforme exemplos enumerados pelo autor: afirmações sobre a viagem de Ulisses ou de Cristóvão Colombo têm sentidos totalmente diferentes, apenas podendo ser comprovadas no interior de cada universo de discurso. Assim acontece com a ficção literária: suposições fundamentadas na *Íliada* não podem ter comprovação na realidade histórica ou empírica, senão na realidade que a própria obra constitui. Coseriu (2007, p. 228) concebe os universos de discurso como “universos de conhecimento” correspondentes aos modos funda-

1 Carvalho (1967) explica em nota a substituição do termo *entorno*, adotado até então conforme preceito de Coseriu (1979), alegando que, apesar da ambiguidade da palavra *contexto*, o neologismo *entorno*, em português, em vez de ser entendido como ligado à locução *em torno* (o que está em torno de algo), muitas vezes se entende como o verbo *entornar*, significação que se afasta da relação com o ato de fala.

2 *Romanistisches Jahrbuch* (Berlin), 7, 1955-1956, §§ 3.5.1 e 3.5.2.

mentais do conhecer humano, não se tratando de “mera expressão linguística”, e sim de “universos em que a linguagem se apresenta cada vez como manifestação de um modo autônomo do conhecer”, o que ele relaciona com “concepções de mundo”.

De acordo com a concepção de Coseriu (1979, p. 234, grifos do autor), por exemplo, a construção do humor “baseia-se amiúde na confusão intencional de universos de discurso, no mesmo enunciado”, citando como exemplos os seguintes enunciados: “*no bosque dois jovens matemáticos extraíam as raízes quadradas das árvores*” e “*pela janela vejo um homem que está descendendo do macaco*”, dos quais, em cada caso, depreendem-se dois universos de discursos distintos.

No primeiro exemplo, é possível identificar um universo de discurso que compreende o mundo natural, universo empírico, sistema de significações que garante a validade da associação entre os termos “bosque”, “árvore” e “raízes”. Um outro universo sobreposto àquele compreenderia os elementos que justificariam a relação entre os termos “jovens matemáticos” e “extrair raiz quadrada”, pertencentes ao universo das ciências da matemática. A construção do humor consistiria em sobrepor os dois universos distintos, resultando em imagem surpreendente, absurda, quebrando a expectativa do interlocutor, visto que, diante dos signos linguísticos atualizados, poderia esperar que o discurso tratasse de extrair raízes de árvores num bosque ou da operação matemática de extração de raízes quadradas, não algo que contrariasse o senso comum. Vale ressaltar, porém, que, num segundo momento, considerando o que conhecemos especialmente sobre o princípio da confiança, o leitor provavelmente já teria percebido a manifestação da intenção humorística, atribuindo ao discurso valor diferente do sentido usual, essencialmente informativo, saber sem o qual dificilmente poderia alcançar o efeito cômico certamente pretendido pelo autor, diante das circunstâncias apresentadas.

Quanto ao segundo exemplo, coexistem dois sistemas de significações: em um cria-se situação corriqueira em que alguém pratica o ato – “vejo um homem” – a partir de um determinado ponto – “pela janela”. A atitude do homem observado poderia ser comum, típica do mundo real, objetivo, se estivessemos falando em “observando”, “alimentando” ou algo semelhante. De forma inusitada, entretanto, insere-se no enunciado o processo “descendendo”, ação que não assume valor durativo, como representa o emprego de verbos no gerúndio. Um ser não está ou esteve ou estará descendendo de outro. Descender corresponde a processo pontual, não sendo possível empregá-lo como no enunciado.

Assim, no enunciado em questão, o segundo universo de discurso envolve a asserção de caráter científico, parte inerente da teoria da evolução, que trata da descendência do homem em relação ao macaco, com uma ação comum de observação, como se houvesse referência a um fato corriqueiro, comumente observável.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Refletir sobre a língua portuguesa e o seu ensino tem sido, de certa forma, uma necessidade, seja para encontrar alternativas para tornar o trabalho diário mais atraente e prazeroso para o aluno, seja para torná-lo mais consistente, fundamentado, consciente por parte do professor. A pesquisa de caráter acadê-

mico associada a preocupações de cunho pedagógico corresponde a uma busca constante por um ensino de língua materna que faça sentido para o aluno.

Com base em tal proposta, buscamos apoio na teoria de Coseriu, autor que tem contribuído muito para que possamos lidar melhor com as angústias típicas de um professor de língua materna. Neste artigo, em que pretendemos apresentar brevemente parte da teoria coseriana relacionada com a construção de textos, esperamos suscitar a importância de tais abordagens tanto para o pesquisador quanto para o professor.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, T. F. P. *Reflexões sobre produção textual*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/XICNLF/4/16.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2008.
- BOOLE, G. *An investigation of the laws of thought on which are founded the mathematical theories of logic and probabilities*, New York: Dover, 1854.
- CARVALHO, J. G. H. de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1967. t. I.
- COSERIU, E. *Teoria da linguagem e lingüística geral: cinco estudos*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1979.
- _____. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- _____. *Competência lingüística: elementos de la teoria del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.
- _____. Do sentido do ensino da língua literária. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 29-47, 1993.
- _____. *Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco/Libros, 2007.
- SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1977.
- UCHÔA, C. A. F. *Fundamentos lingüísticos e pedagógicos para um ensino abrangente e produtivo da língua materna*. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 62-75, 2000.
- URBAN, W. M. *Language and reality*. London: Allen & Unwin, 1939.

SANTOS, H. de S. dos; BITTENCOURT, T. M. da F. P. Eugenio Coseriu: aspects of a linguistic of sense. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 93-99, 2011.

Abstract: *This article focuses on the brief analysis of concepts coserianas, related to three dimensions, the semiotic relations, reflections on the linguistics of the text and speak the universal linguistics, in addition to studies on the determination and the surroundings, especially the theory of universes of discourse.*

Keywords: *Coseriu; three dimension; universes of discourse.*